

Hoje em dia, é assumido claramente pelas grandes empresas o conceito de responsabilidade social como promotora de valores de cidadania individual e colectiva: a empresa, mediante suas acções, ajuda seus colaboradores a tornarem-se verdadeiros cidadãos e contribui, desta forma, para a promoção da cidadania na sociedade e na comunidade. Pode também assumir-se como uma atitude e um comportamento ético e responsável.

Por todos estes motivos é apenas natural que uma escola promova acções que, pelas suas características, sejam capazes de inculcar em todos os seus colaboradores ( docentes, não docentes, pais e alunos ) uma responsabilidade e uma postura transparente para, todos em conjunto, melhorarmos a sociedade em que nos integramos.

É nesta perspectiva que o Colégio de Alfragide tem vindo a desenvolver vários projectos de cariz social, cultural e ambiental, entre os quais avulta o projecto Amigos do Hospital que pretende estabelecer uma ponte com as crianças que se encontram doentes nas enfermarias dos hospitais, havendo alguma dificuldade destas instituições em minorar o sofrimento dos que lá têm de “viver” durante algum tempo.

Deixo assim uma narrativa na primeira pessoa, feita pela responsável do projecto que se tem vindo a desenvolver desde o ano lectivo 2007/2008.

### PROJECTO AMIGOS DO HOSPITAL

O projecto Amigos pode dizer-se que começou há uns anos atrás.

Estava eu de férias em pleno mês de Agosto, quando me veio parar às mãos um artigo onde se falava numa iniciativa dos estudantes de Medicina, Farmácia e Enfermagem, que anunciavam a promoção de uma actividade no Hospital D<sup>a</sup>. Estefânia para que crianças de jardim de infância pudessem levar os "filhos" (bonecos) ao médico e que dava pelo nome de "Hospital da Bonecada".

Achei a ideia excepcional e em Setembro comecei a tentar ligar para me inscrever com os meus alunos na dita visita. Apesar das múltiplas tentativas não consegui, o que me deixou triste. Até que no ano passado veio parar à minha turma um aluno, cuja mãe trabalha no hospital D<sup>a</sup>. Estefânia. Claro que aproveitei logo para me lamentar. Graças a esta mãe, que me conseguiu os telefones certos, lá fiz a marcação e em Janeiro de 2008, fomos todos na carrinha da escola e cada um levou o seu filho (desde nenucos, bonecas, action men, havia de tudo).

Foi fantástico, passámos pela sala da triagem, pelos consultórios, pela farmácia, fomos à sala de tratamentos e até tivemos oportunidade de assistir à operação da "boneca RONALDA". Ainda trouxemos receitas e raios X, pois alguns precisaram para o seu tratamento. O balanço foi para além das minhas expectativas, realmente uma iniciativa muito positiva.

De regresso à escola e partilhando com os pais os comentários e fotos da visita, fiquei a saber que três dos meus alunos iam ser sujeitos a pequenas /médias cirurgias. Dei graças aos céus por termos tido esta visita antes, que ajudou e muito a desmistificar o medo dos médicos e enfermeiras, dos hospitais e das batas brancas. Mas a ideia ficou a roer-me. E enquanto estão internados? O que fazer? Como ajudar a passar o tempo? Como alegrar quem tem que lá estar e não pode sair?

Pedi novamente ajuda aquela mãe para me pôr em contacto com a educadora responsável do Hospital D. Estefânia, o que aconteceu prontamente. Expliquei que apesar de ter um grupo de crianças pequenas (3 anos), três delas iriam ser operadas e que gostaria que os meus alunos fossem amigos dos meninos que estão e passam pelo hospital. A ideia foi bem aceite. Para começar fizemos um trabalho plástico com as nossas mãos pintadas em papel (uma por cada

aluno) e uma grande mão onde por escrito fizemos a apresentação da escola e do grupo e ao mesmo tempo pedíamos se queriam ser nossos amigos.

Os amigos do hospital agradeceram e, por sugestão da educadora, por que não uma visita a esses amigos? Claro que aceitámos. As condições eram que só poderíamos fazer a visita no Auditório do Hospital (para não transmitirmos "micróbios" a quem já não está muito bem), ser apenas às 11h, uma vez que os médicos só acabam a visita à enfermaria depois dessa hora, e que só viria ao auditório quem estivesse "em condições", ou seja nunca sabemos o número de amigos que vamos encontrar. E as idades vão dos zero aos dezoito anos.

Expliquei tudo isto aos meus alunos, alertando também para o facto de poder haver amigos em cadeiras de rodas, amigos com braços, cabeças ou pernas partidas (como eles tinham visto na visita ao Hospital da Bonecada) e que se não houvesse amigos suficientes para entregarmos a nossa "surpresa", entregaríamos às educadoras para que depois elas levassem para cima, para as enfermarias e dessem aos meninos que não tinham podido descer.

Começámos o trabalho, ou seja, ensaiámos canções e pequenas coreografias e como a visita ficou agendada para perto do dia da criança, combinámos fazer coroas em papel canelado, pintámos e enfeitámos.

Foi um sucesso, não só não se assustaram, como gostaram de ter ido e de no final terem oferecido as suas coroas de reis da festa e para grande surpresa, receberam em troca meninos e meninas feitos em espátulas de ver as gargantas. Daí a dias íamos ter na nossa escola a nossa festa final e ficou decidido que no ano lectivo seguinte, voltaríamos ao hospital para mostrarmos o nosso número.

Continuamos todos os meses a fazer uma surpresa e a enviar para os nossos amigos do hospital e sabemos que nesse dia, o tempo corre mais depressa para quem lá está e também mais divertido.

Na reunião inicial deste ano lectivo (2008/2009), expliquei este projecto aos pais das crianças que entraram de novo e que aderiram de imediato. A data combinada para o nosso espectáculo, foi o mês de Dezembro e surgiu a ideia de, para além da surpresa que enviamos todos os meses, cada criança oferecer um presente de "x" valor e divididos por idades. Por sugestão da educadora responsável jogos, livros e materiais de pintura. A festa foi um sucesso, até os pais puderam ir assistir.

Mas eu comecei a desejar mais, a pedir mais. Pedi a um pai de duas antigas alunas se o grupo de pessoas que na empresa dele todos os anos ensaiam uma peça de teatro para os filhos dos empregados e que depois de tanto trabalho de ensaios, música, adereços, só fazem uma actuação, não se importariam de o fazer para nós e para os nossos amigos do hospital. E mais uma vez a resposta foi positiva. E no dia 16 de Fevereiro passado, lá fomos nós para o auditório do hospital e juntamente com os nossos amigos pudemos assistir a uma peça super engraçada e de cariz ecológico. Mais uma vez todos ficámos a ganhar, nós, os nossos amigos e os elementos do grupo de teatro. Gostaram tanto da experiência que já ficou prometido que lá vão voltar com todas as novas peças que fizerem.

Desde já o obrigada dos amigos do hospital, dos amigos da sala dos 4 anos do Colégio de Alfragide e o meu.

Educadora Ana Dominguez